



# ARREBATADOS PELO ESPÍRITO SANTO

## Carta do Abade General OCist para Pentecostes 2020

Caríssimos,  
embora em muitas nações estejam iniciando uma fase de retomada da vida social, cultural e econômica, que por muitas semanas foi interrompida pela epidemia do coronavírus, persiste para todos um estado de incerteza e redução das relações humanas que nos acompanharão por muito tempo. No confinamento romano em que vivo há dois meses, além de rezar em comunhão com todos, medito sempre sobre o significado desta experiência, no que nos tira, nos dá e nos pede. Já em duas cartas procurei compartilhar com vocês esta meditação, e agora me sinto levado a fazer também através da tradicional Carta de Pentecostes, ciente de que todos desejamos, hoje mais do que nunca, por uma novidade que somente o Espírito Santo pode criar e dar. Como o Salmo 103 exprime: "Enviais o vosso espírito, e tudo será criado e renovareis a face da terra" (Sl 103,30).

Na minha primeira carta – *Parai-vos! Saibas que eu sou Deus* –, percebi que este tempo nos pede para parar e reconhecer que Deus é o verdadeiro senso e a plenitude da nossa vida. Na carta de Páscoa – *A salvação é presente* – me ajudava a imagem do caminho no deserto, no qual, a direção não é indicada por um horizonte distante, mas pela presença do Senhor na nuvem. Perguntava-me: nos deixamos guiar pela presença de Deus? E lembrei, com o Papa Francisco, que a presença que nos acompanha é Cristo ressuscitado que vive ao nosso lado. Vivendo a familiaridade com Ele, abraçando-O aqui e agora, na sua palavra, nos sacramentos, na comunhão fraterna e no acolhimento dos pobres, o caminho se abre diante de nós a cada passo, e podemos anunciar ao mundo a esperança de uma salvação real.

### Uma nova expectativa

Mas como se realiza tudo isto depois da Páscoa da Ressurreição?  
O episódio da Ressurreição de Jesus não muda apenas a resposta à nossa expectativa, mas a própria expectativa. Jesus ressuscitado é uma realidade que muda a forma de

nossa expectativa, do nosso desejo, também a expectativa de que se resolva, em todos os níveis, a difícil situação em que nos encontramos agora.

O início dos Atos dos Apóstolos descreve a nova dimensão em que nos encontramos a partir da Páscoa: «É a eles que se manifestou vivo depois de sua paixão, aparecendo-lhes quarenta dias e falando das coisas do Reino de Deus. E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem o cumprimento da promessa de seu Pai, "que ouvistes, disse Ele, da minha boca: João batizou com água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo, em poucos dias".» (At 1,3-5)

O tempo da Igreja é o tempo em que Cristo está vivo entre nós e conversa conosco sobre o Reino de Deus. Jesus continua este diálogo, sentando conosco à mesa da comunhão eucarística e fraterna, centro vivo de cada comunidade cristã. É precisamente no coração desta experiência que Cristo nos pede para "esperar o cumprimento da promessa do Pai", o de ser "batizados no Espírito Santo", isto é, de passar da morte a vida, graças ao dom do Paráclito. O Espírito nos foi dado para passar da morte, do pecado e do medo, para a nova vida que o Ressuscitado quer nos comunicar.

Devemos sempre aguardar este renascimento não porque deva acontecer no futuro, mas porque não vem de nós, não é uma obra nossa, mas uma graça dada do alto. Jesus nos explica, ainda no começo dos Atos: "Não pertence a vós saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou em seu poder, mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo". (At 1,7-8)

Não sabemos quando e como se realiza o Reino de Deus, a Redenção do mundo em Cristo. Contudo, sabemos com certeza, que o Reino se realiza com o dom do Espírito Santo, que nos torna testemunhas de Cristo ressuscitado.

Jesus então pede aos discípulos para permanecer em espera e pedir o Espírito Santo. Também o estar fechados em casa, como nós neste momento, Jesus não pede por medo dos perigos que aguardam os discípulos fora do Cenáculo, mas para que possam enfrentá-los com a força do Espírito. A força do Espírito é o amor de Deus.

Esta é a novidade pela qual devemos sempre esperar, sempre pedir, sempre acolher. Não há nada mais novo do que a possibilidade de testemunhar Cristo sem medo, movidos e levados por uma força que é o Amor de Deus em Pessoa.

### **O sopro do Ressuscitado**

Todo o mistério pascal é resumido e revelado no instante em que Jesus, na noite da Páscoa, aparece aos discípulos no Cenáculo, "enquanto as portas estavam fechadas". e, soprando sobre eles, diz: "Recebeis o Espírito Santo" (Jo 20,22).

Jesus é o Crucificado que venceu a morte e o pecado. É o Vivente que mostra as feridas das mãos e do peito. Diz "Paz a vós!": a Sua presença é a paz de Deus dada aos homens, que entra não apenas onde o medo nos encerra, mas em nossos corações temerosos e tristes, em nossos corações incapazes de crer que Deus sempre pode vencer a morte e o mal, a divisão e a guerra, o desprezo e o ódio que sufocam a humanidade. Por isso,

Cristo ressuscitado enche o coração de alegria: "Os discípulos se alegraram em ver o Senhor" (Jo 20,20b).

No entanto, Jesus não se contenta de estar diante de nós; quer entrar em nós para nos animar da vida divina que eternamente compartilha com o Pai: "Soprou sobre eles e disse: Recebeis o Espírito Santo" (Jo 20,22). Este dom não se limita a dar aos apóstolos a faculdade de perdoar os pecados (v. 23), deseja alcançar cada ser humano para fazê-lo renascer. Jesus, de fato, renova aqui o sopro vital com a qual Deus animou Adão na origem: "O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas suas narinas o sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente" (Gn 2,7).

A Páscoa permaneceria para nós um evento estéril do passado, se não acolhêssemos de novo o Ressuscitado, que nos faz renascer com o sopro do Espírito Santo. A novidade em nossa vida, e, portanto, na vida da Igreja e do mundo, depende totalmente da maneira como acolhemos pessoal e comunitariamente o Senhor Crucificado, que está diante de nós real e vivo, doando-nos "sem medida" (Jo 3,34) o único sopro vital capaz de animar, em nós e em todos, a humanidade nova, filial e fraterna pela qual fomos criados.

Muitas vezes nos iludimos de acolher, segundo uma nossa medida, um nosso interesse, o dom sem medida que Cristo sopra sobre nós. No Novo Testamento, existem vários exemplos de pessoas ou comunidades que trataram o dom do Espírito com mentira, soberba, negligência e mesquinhez, escolhendo assim a morte em vez da vida (cf. Mt 12, 31-32; At 5, 3; At 8,18-20; Ef 4,30; 1Ts 5,19).

Portanto, é necessário permitir a este Dom infinito de dilatar e até romper a medida de nossa capacidade de receptividade, do nosso coração e da nossa vida. Mas isto também é graça, como o coração imaculado da Virgem foi formado pela graça de Deus, para receber, sem reservas, a encarnação do Verbo por obra do Espírito.

Isto não acontece em nós uma vez por todas, assim como para viver devemos repetir constantemente o ato de respirar. O Ressuscitado permanece conosco na Igreja e no nosso coração, a soprar o dom do Espírito, a fim de que a cada instante possamos receber a Sua nova vida. Todas as práticas da vida monástica, que evidenciam as práticas da vida cristã, podemos entender e vivê-las como um contínuo respirar o dom do Espírito, que o Ressuscitado sopra sobre nós.

Santo Antônio do Deserto, pai dos monges, antes de morrer, aconselhou a seus discípulos: "Respirai sempre Cristo!" (Santo Atanásio, *Vida de Antônio*, 91,3). Podemos viver este convite à oração contínua, pensando que somos chamados a respirar sempre o sopro de Cristo que nos comunica a sua vida, seu amor, sua sabedoria, ou seja, o dom do Espírito Santo que é Senhor e dá a vida.

## **Uma vida verdadeiramente nova**

"Nada será como antes", nos dizemos uns aos outros nesta grande crise provocada pela pandemia. Mas todos se perguntam como o mundo recomeçará após esta prisão, tão imprevisível e universal. É necessária uma novidade. Mas quem pode defini-la? Quem a conhece? Qual novidade necessita a sociedade, economia, cultura e educação? Qual novidade a Igreja precisa em sua missão no mundo e na história?

Muitas pessoas, famílias e comunidades fizeram, neste tempo, experiências profundas, dramáticas, às vezes muito dolorosas. A doença e a morte, insegurança e medo, de uma maneira ou de outra, nos tocaram e, querendo ou não, permanecem companheiros de nosso caminho. Qual mudança na vida e no coração pode ser coerente com esta experiência? Qual novidade propícia pode surgir desta experiência?

Sabemos muito bem que, mesmo que a situação na sociedade possa mudar rapidamente, os corações dificilmente mudam. Mas se os corações não mudam, qualquer outra mudança, mesmo histórica, permanece estéril. As mudanças na história que não são acompanhadas por uma conversão de consciência e liberdade, se reduzem a mudanças geológicas nas quais o homem perde sua vocação e dignidade de sujeito do universo e vem tragado pelas circunstâncias externas, como os dinossauros. Mas se o coração não muda por si só e nem pela influência de fatores externos, como poderá se renovar? Precisamos de algo novo que, mesmo não vindo de nós, nos alcance intimamente.

Por isso, me impressiona com uma nova maneira, a última cena do Evangelho de João, porque começa com um "retorno à vida normal". Após a grande bagunça que produziu na existência deles o encontro com Jesus, a vida com Ele, a Sua morte e ressurreição, eis que sete discípulos parecem ter retornado à sua vida anterior: «Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael que era de Caná da Galiléia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos. Simão Pedro disse-lhes: "Vou pescar". Disseram-lhe: "Nós também iremos contigo". Então partiram e entraram na barca. Naquela noite, porém, nada pescaram".» (Jo 21,2-3)

Mas como! Depois de tudo o que aconteceu, voltaram a viver assim, como se a vinda de Cristo não tivesse mudado nada! Realmente nada consegue abalar a banalidade da vida humana? É realmente tão impossível viver uma nova vida?

No entanto, esta cena nos foi dada para destacar qual é a verdadeira novidade para nossa vida, em cada situação e condição. Antes de tudo, nos faz entender que a novidade não vem de nós. A novidade é impossível ao homem. Deixado a si mesmo, o homem só produz realidades decadentes, fechadas e antigas desde o nascimento.

Mas esta cena nos ajuda a entender, sobretudo, que a novidade que precisamos não é que a situação mude por si mesma, e nem que mudemos. A novidade é sempre e somente a presença de Cristo Ressuscitado. Se um vento novo deve vir para mudar e renovar a rota da nossa barca, este só pode consistir no sopro da vida que o Ressuscitado vem nos transmitir nos olhando, falando e amando. No começo, não reconhecemos esta presença e parece que afete pouco nossa vida cotidiana. Pescamos a noite toda sem pegar nada, e que Cristo nos chame da margem do lago nos parece um fato irrelevante, sem efeito em nossa existência. Realmente não esperamos uma novidade. Mas a Sua presença, palavra e amor para a fecundidade de nossa vida, conseguem penetrar e renovar a nossa situação antes mesmo de acreditarmos. Uma novidade nos surpreende, porque não tínhamos nem pedido nem esperado. Somente após a pesca milagrosa, um deles, "o discípulo que Jesus amava", reconhece qual é a fonte da mudança de suas vidas: "É o Senhor!" (Jo 21,7).

Quando uma criança se surpreende com algo bonito, instintivamente abre a boca e faz uma profunda e rápida inspiração que dilata os pulmões. É como se tivesse sido atingida por um vento forte. Acho que São João gritou "É o Senhor!" com este estupor. Encheu seus pulmões e coração do sopro do Ressuscitado, e a sua confissão amorosa da presença de Jesus "exalava" e difundia este dom, testemunhando-o a seus amigos e a toda a realidade circunstante.

"É o Senhor!": este grito foi como o nascer do sol em uma manhã sombria, e tudo se encheu de luz e beleza. O mundo é renovado por quem reconhece Cristo.

Somente assim a vida se renova verdadeira e continuamente. Não por nossa iniciativa, nem por nosso projeto, nem com técnicas, táticas ou revoluções concebidas pelos homens, mas deixando-nos investir pela surpresa do Ressuscitado que, com sua presença, palavra, olhar e amor, vem a soprar em nossa vida monótona e estéril, o dom do Espírito.

### **O Ressuscitado pobre e faminto**

Mas esta cena do Evangelho requer de nós uma atenção ainda mais delicada. Como se apresenta Jesus ressuscitado a seus discípulos? Talvez não notamos que Jesus aparece aqui como um pobre quem tem fome: "Filhos, não haveis nada para comer?" (Jo 21,5a). O Senhor glorioso se apresenta como um humilde mendigo faminto.

Os discípulos nada têm para lhe dar, nem mesmo uma resposta gentil: "Eles responderam: Não!" (Jo 21,5b). O pobre que pede, perturba; e se achamos que não temos nada para lhe dar, fazemos pesar como se fosse culpa sua.

Jesus se apresenta como um pobre que pede ajuda aos pobres. Pedro e seus amigos, porém, ainda não aprenderam que, quando Jesus pede deste jeito, é que antes de nos ensinar a dar, Ele nos ensina a pedir. Nos ensina a pobreza. Ele sabe que eles não têm nada para comer, nem para si nem para Ele, mas é por este motivo, que deseja que se juntem a Ele no pedir tudo ao Pai. Quando os ordena de jogar a rede à direita da barca, Jesus o faz, certamente, pedindo ao Pai este "pão nosso de cada dia", e o Pai responde imediatamente, sem medida, tanto que, sete homens quase não conseguem levantar a rede cheia de peixes (cf. Jo 21,6).

É assim que Cristo nos ensina a pedir o Espírito Santo, a pedir o amor. Logo depois, Jesus se mostra novamente como o pobre humilde, que mendiga não apenas algo para comer, mas amor, e mendiga precisamente ao discípulo que mais lhe faltou de amor, renegando-o: "Simão, filho de João, me amas mais do que estes?" (Jo 21,15)

Cristo nos ensina que a pobreza que aceitamos compartilhar com Ele, é espaço de abertura ao dom do Pai, o Espírito Santo. O dom do amor por Cristo é a grande pesca milagrosa que podemos continuar a pedir e acolher, sem medida, da fonte inesgotável da Santíssima Trindade.

O Ressuscitado nos ensina a aceitar a nossa pobreza diante da Sua. A Sua pobreza é a nossa, que Ele assumiu fazendo-se homem e morrendo na Cruz. Todas as nossas necessidades de pão, ajuda, cuidado, Ele as fez suas. Mas, acima de tudo, fez Sua toda a nossa necessidade de ser amados.

Descobrir que em Cristo está a nossa necessidade, nos torna atentos às necessidades de todos. Descobrimos que na nossa pobreza e na pobreza de nossos irmãos e irmãs, Cristo está presente, Cristo nos chama, Cristo nos espera. E assim ao responder à necessidade de cuidado e amor do outro, possamos nos surpreender ao encontrar o Ressuscitado, possamos abrir os olhos e gritar: "É o Senhor!"

São Bento pede para viver assim o acolhimento no mosteiro: "Acima de tudo, acolhendo os pobres e os peregrinos, devemos ter grande solicitude, pois neles recebemos Cristo mais plenamente" (RB 53,15).

O que pode ser mais novo e maior em nossa vida, em nossas comunidades, na Igreja e no mundo do que a graça de acolher Cristo, de recebê-lo cada vez mais plena e verdadeiramente na pobreza de nosso próximo, perto ou distante, que nos chama?

## **A riqueza do pobre**

Não devemos nos preocupar em ter o que devemos dar. O lugar do acolhimento de Jesus pobre no pobre que se dirige à nossa pobreza, é o espaço que o Espírito deseja preencher de dons e de amor. Este é o milagre: o dom de Deus em nossas mãos vazias, em nossos corações miseráveis.

São Pedro, depois de Pentecostes, viverá assim, como Jesus: como um pobre que mendiga tudo e recebe tudo do Pai. Viverá unido à pobreza de Cristo, que sabe responder a cada pobre com a superabundância do Dom de Deus. Pedro, de fato, dirá ao mendigo aleijado da Porta Bela do templo: "Não tenho prata nem ouro, mas dou o que tenho: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda! Ele o pegou pela mão direita e o levantou" (At 3,6-7).

Que pobreza e que riqueza! Pedro não tem nada e dá tudo! Dar Cristo, Cristo que cura e permite caminhar em uma vida nova, para Pedro não é dar menos do que se tivesse muito ouro e prata. Pedro sabe que pode dar muito mais do que ouro e prata. Por isso que a sua pobreza é o seu tesouro mais precioso, pois nesta pobreza ele possui o Ressuscitado. E a sua mão vazia, que não pode dar nada, é livre para erguer o homem que sozinho não consegue andar transmitindo-lhe o poder do Redentor.

Devemos estar atentos, também nós, monges e monjas, para não nos reduzir a querer dar somente "prata e ouro", isto é, valores humanos, materiais, intelectuais ou espirituais que sejam, quando ao invés, podemos dar sempre Cristo e seu poder de salvação. Temos Jesus para dar ao mundo: o que queremos dar mais ou de melhor? Mas muitas vezes, somos nós os primeiros a não apreciar o dom que Cristo nos faz de si mesmo, de sua presença e seu amor. Se não formos conscientes do valor infinito do dom de Jesus, nos reduziremos a dar prata e ouro, que comparados a Cristo valem menos que a palha.

Pedro diz: "Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda!". O tesouro que Pedro tem e dá, o tesouro da Igreja, o tesouro de Papa Francisco, é Jesus "Nazareno": o pobre, manso e humilde Jesus de Nazaré, filho de Maria e José.

E nós, O temos? Possuímos Jesus na vida cotidiana de Nazaré, o Jesus da Galiléia, onde, também como ressuscitado, ama se manifestar a seus discípulos, sempre pobre e simples, como quando morava e trabalhava na casa de José, o carpinteiro?

A nossa maior riqueza é a humilde pobreza de Cristo. E somente isto nos torna úteis para a humanidade, porque o mundo inteiro não precisa mais do que Ele, do pobre Senhor da vida, que somente os pobres de coração podem dar. Dando Cristo com humildade, nos tornamos nós mesmos dons de Deus.

### **Deixar-nos arrebatado e doar pelo Espírito Santo**

Por isso, a pobreza de coração, com a qual a Virgem Maria nos é mãe e mestra, é a obra mais eficaz de renovação do mundo.

Penso ao exemplo do diácono Filipe descrita pelos Atos dos Apóstolos. Lemos que, depois de evangelizar e batizar o funcionário etíope, "o Espírito do Senhor arrebatou Filipe", de modo que "ele se encontrou em Azot e evangelizava todas as cidades pelas quais passou, até chegar a Cesaréia" (At 8,39-40). Filipe é tão dócil ao Espírito Santo (cf. At 8,26-30), que o Espírito se sente livre para "arreatá-lo" e levá-lo repentinamente de uma região para outra, de uma missão para outra.

O que significa este "arreatamento" do Espírito? Não se trata tanto de um êxtase que extrai o discípulo da realidade, mas de um ser tomado ao serviço do Evangelho de Jesus. O êxtase de Filipe tem a forma e essência do serviço, da diaconia, da missão, da evangelização. Filipe é arrebatado dos seus planos e da sua obra para ser servo do plano e da obra de Deus.

Filipe é um homem livre porque é leve de tudo aquilo que pesa e amarra a vida. É como uma pena que o vento de Deus leva para onde quer. Se o Espírito pode tirá-lo da estrada para Gaza para levá-lo a Azot, significa que Filipe tinha consigo somente si mesmo, nada mais. Estava leve de tudo aquilo que impede ao Espírito Santo de nos tomar ao seu serviço, sem hesitação e demora.

Ser arrebatado desta maneira pelo Espírito Santo é uma experiência que todos somos chamados, cada um de acordo com o carisma, a forma e as circunstâncias de sua vocação e missão de vida. Trata-se de estar pessoalmente envolvido por Pentecostes, tornando-se membros vivos da Igreja, do Corpo de Cristo, que tem a forma visível do Povo de Deus.

Muitas pessoas e comunidades testemunham que, nestes meses, fizeram uma experiência preciosa de despojamento do supérfluo, em todos os níveis, e de concentração no essencial, que os libertou de tantos pesos e projetos inúteis. Agora queremos continuar o caminho com esta liberdade, disponível ao serviço pelo qual o Espírito de Jesus deseja nos arrebatado em cada instante.

Ajudemo-nos, com a oração e a partilha fraterna do testemunho e da correção, a ser no mundo como o pólen que o sopro do Ressuscitado espalha para fertilizar a terra, de modo que dê frutos da nova primavera que todos esperam e que somente o Paráclito pode fazer germinar.



*Ir. Mauro-Giuseppe Lepori OCist*